



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

**"De alpendres, talhas e gentes:
Arte e Patrimônio como pertencimento"**
dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

**TRAVESSIAS ENTRE ARTE MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE
MEDIAÇÃO CULTURAL E PROCESSOS AFROCENTRADOS A PARTIR DE UM
DEFEITO DE COR**

Juliana Maria de Lima¹

Universidade Estadual Paulista - Instituto de Artes

Gabriela Moraes de Paula²

Universidade Estadual Paulista - Instituto de Artes

Letícia Tancredo³

Universidade Estadual Paulista - Instituto de Artes

Liege Maira Rodriguez Redígolo⁴

Universidade Estadual Paulista - Instituto de Artes

¹ Juliana Maria de Lima - Possui graduação em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas. É mestranda pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora de Educação Básica II - Arte na rede municipal de Araçatuba e na rede estadual de ensino. Experiência na área de Artes Visuais.

juliana.m.lima@unesp.br - <http://lattes.cnpq.br/5027462634959291>

² Gabriela Moraes de Paula possui bacharelado em Artes e Design e Licenciatura em Artes Visuais pela UFJF. É mestranda pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora de Educação Básica II - Arte na rede municipal de ensino da cidade de Miguel Pereira - RJ. Com experiência em produção cultural.

gabriela.m.paula@unesp.br - <http://lattes.cnpq.br/3990526260645140>

³ Letícia Tancredo Soares é graduada em Licenciatura em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes (FPA), pós-graduada em Arte-Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e mestranda pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Atua na Educação Básica do município de Franco da Rocha, ministrando aulas de Arte no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além da docência, integra o Núcleo Pedagógico de formação da Secretaria Municipal de Educação. tancredo.soares@unesp.br / <http://lattes.cnpq.br/4308248605360175>

⁴ Liege Maira Rodriguez Redígolo - Possui graduação em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas. É mestranda pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora de Educação Básica II na rede estadual de ensino. Experiência na área de Artes Visuais. liege.rodriguez@unesp.br

- <http://lattes.cnpq.br/3285798389675826>

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Resumo: Partindo de um trabalho de pesquisa realizado para a Disciplina de Poéticas e Processos na Criação em Artes no Mestrado Profissional da UNESP que incluiu a leitura do livro *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves e contou com a orientação da Profª Doutora Eliane Patrícia Grandini Serrano, o artigo é o resultado da construção coletiva das travessias e atravessamentos acessados pelas arte/educadoras para evocar nossa ancestralidade com sensação de pertencimento, a partir das histórias narradas pela personagem Kehinde. Nesta oportunidade relatamos nosso trajeto formativo, articulando uma curadoria educativa voltada à valorização dessa memória afetiva, vinculada ao perfil do professor, artista e pesquisador, buscando uma prática de educação afrocentrada, que proporcione um ambiente de resistência e transformação social nas escolas.

Palavras-chave: Pertencimento, Travessias de um professor, Arte afrocentrada

Introdução

O presente artigo propõe-se a relatar o seminário realizado na disciplina *Poética e criação em artes* ofertada no programa PROF-ARTES 2026 pela Unesp. A proposta iniciou-se com a leitura do livro “Um defeito de cor” da autora brasileira Ana Maria Gonçalves, como suporte na mediação cultural, que referenciou pesquisas, análises e criações artísticas. No movimento prático-pedagógico foram utilizadas ferramentas de comunicação que oportunizaram o contato à distância. A construção metodológica ocorreu a partir de encontros online colaborativos que organizaram a estrutura do seminário e suas etapas.

O grupo de trabalho definiu o veio de produção como “Travessias”, partindo da ideia impressa pela personagem principal do romance, que se desloca por entre continentes narrando seus sentimentos e impressões enquanto pessoa escravizada. A partir da análise do livro, foram realizadas pesquisas sobre artistas, obras de arte, músicas e produções literárias que dialogassem com a diáspora africana, identidade, memória e ancestralidade. Temáticas complexas abordadas no livro, que serviram de gatilho para a trocas e processos criados. A leitura possibilitou compreender as dimensões físicas, simbólicas, culturais e afetivas presentes

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

na trajetória de Kehinde, que dialogam com o contexto da sociedade e educação brasileiros atuais.

No percurso criativo e estruturação do seminário as integrantes articularam diferentes obras e artistas em diálogo com o romance *Um defeito de cor*, tendo como eixo central as discussões sobre memória, ancestralidade, identidade negra e processos históricos de apagamento. Destaca-se a produção da carioca Aline Motta, artista que investiga a memória e a ancestralidade por meio da fotografia, do texto e linguagens visuais, reconstruindo narrativas da diáspora negra em obras como *Ponte sobre Abismo* e *Se o mar tivesse varandas*. Em outra perspectiva, a performance *Quero ser branca*, de Gabriela Reis (Araçatuba), problematiza os padrões raciais e o ideal de embranquecimento ao expor, de forma simbólica, os gestos de “limpeza” da pele como crítica aos processos de apagamento do corpo negro. Já a escultura *Amnésia*, de Flávio Cerqueira, tensiona as relações entre memória e esquecimento ao representar o corpo negro atravessado por marcas simbólicas de violência e apagamento histórico.

O grupo compartilhou suas experiências ao desenvolver o trabalho no contexto escolar a partir da temática proposta, trazendo reflexões críticas sobre as discussões realizadas em sala de aula e sobre as metodologias utilizadas ao longo do processo. Nesse percurso, foi possível perceber a importância da abordagem dos conteúdos, relacionando-os com suas próprias vivências e com o cotidiano escolar. A prática mostra sua relevância através da inclusão da história, cultura e contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros nos currículos, que como defendido por Munanga (2005) é fundamental para construir uma educação antirracista que combate estereótipos. Somado a essa ideia, ressaltamos a importância de práticas pedagógicas que contemplem a obrigatoriedade do cumprimento da Lei nº 10.639/2003, que estabelece a inserção da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica. Como observado por Nilma Lino Gomes (2017), o racismo é uma estrutura social historicamente presente na sociedade brasileira, e a escola, como espaço de formação humana, não está isenta de reproduzir práticas e discursos discriminatórios; portanto, práticas engajadas na temática afro-brasileira contribuem para a valorização da diversidade étnico-racial, o reconhecimento das contribuições da população negra para a formação da sociedade brasileira e o enfrentamento de práticas discriminatórias no ambiente escolar. O movimento ampliou as

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

formas de interpretação e favoreceu o desenvolvimento de uma postura mais reflexiva diante das práticas educativas e dos debates construídos durante a formação.

Como proposta de atividade prática, foi solicitado que os participantes da disciplina buscassem, em acervo pessoal, imagens que representassem aspectos de sua ancestralidade, tendo como referência a frase: "Aos que vieram antes de nós e aos que virão depois de nós". Após, os mesmos deveriam criar uma composição utilizando as imagens escolhidas e palavras/frases. Em culminância, as produções foram compartilhadas com todos, proporcionando uma roda de conversa sobre a ancestralidade, as memórias, as relações que conseguimos criar entre as produções e contextualização das escolhas artísticas.

Dessa forma, o trabalho em formato de seminário sobre a leitura do livro "Um defeito de cor", trouxe à tona fatos históricos relacionados ao período da escravidão no Brasil, que instigaram a ampliação do repertório cultural dos participantes, em sua maioria brancos, oportunizando a abertura de um espaço para reflexão sobre privilégios, dores do passado e identificação cultural. Possibilitando trocas e partilhas extremamente relevantes para o percurso formativo dos docentes, por um viés afrocentrado. Essa prática evidenciou a importância da mediação cultural como estratégia capaz de promover o diálogo entre diferentes saberes, experiências e contextos, favorecendo a construção de novos significados e o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva diante das questões abordadas.

Desenvolvimento

Uma das integrantes do grupo, descreve que a primeira vez que teve contato com o romance da Ana Maria Gonçalves foi na exposição em homenagem à Carolina Maria de Jesus, na Caixa Cultural em São Paulo, onde o livro estava exposto numa prateleira como indicação bibliográfica. De alguma maneira, esse objeto valioso atravessou a memória desta integrante, trazendo esse relato para compor a estrutura do trabalho.

Durante a elaboração da pesquisa, tivemos dois encontros fundamentais para estruturar a organização do Seminário para compor as etapas avaliativas da disciplina. O repertório cultural e as travessias de cada arte/educadora foram essenciais na fundamentação do trabalho.

O projeto se inicia com as colaboradoras Letícia Tancredo e Gabriela Moraes conversando e alinhando a temática do seminário a partir do viés das Travessias. A Juliana Maria de Lima e a Liege Maira Rodriguez Redígolo foram convidadas a compor essa pesquisa e as travessias foram construídas nesses encontros.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

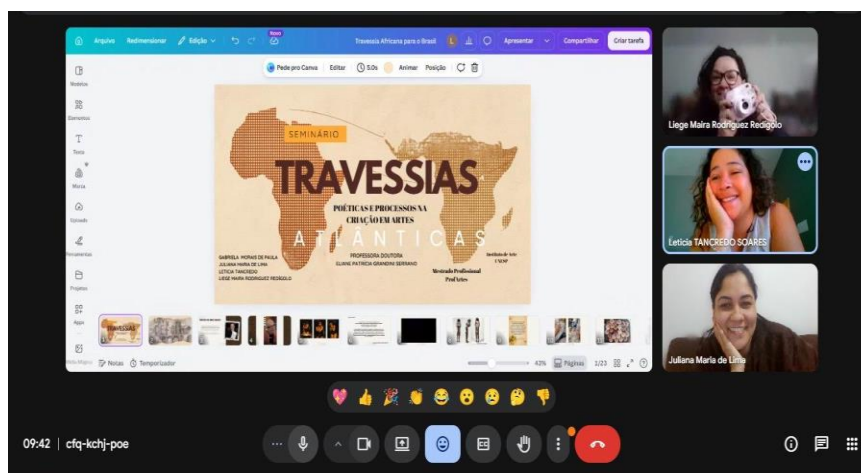


Figura 1- Encontros e Travessias, 2026

Fonte: Liege Maira Rodriguez Redígolo



Figura 2- Reunião realizada por meio da plataforma Google Meet, 2026.

Fonte: Liege Maira Rodriguez Redígolo

Para a construção do projeto utilizamos duas versões do livro, uma lançada em 2006, formato físico, pesada e repleta de reflexões e outra virtual (2025), leve no sentido figurado, (re)inventada pela poética dos ditados populares africanos, pelos Itans, por uma playlist musical e uma série de obras criadas pela artista brasileira Rosana Paulino. Um convite árduo, sofrido, porém, evolutivo, que atravessa nossas entranhas e sentimentos mais profundos. Acreditamos que essa obra é um marco na nossa trajetória pessoal e profissional. Alguns questionamentos são feitos: O que era produzido com os estudantes antes da leitura dessa obra? E após a apropriação e a revisitação a essa narrativa?



opae.com.br/





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Por ser uma obra densa, marcada por um contexto histórico profundo, ela nos conduz a reflexões sobre o período histórico brasileiro da escravidão, que construímos a partir da perspectiva do afrocenismo proposta por Molefi Kete Asante (1980). Segundo a qual torna-se necessário deslocar o olhar historicamente construído pela centralidade europeia e reposicionar sujeitos africanos e afro-diaspóricos como agentes da própria história, produtores de conhecimento, memória e cultura. Nessa perspectiva, a leitura da obra deixa de operar apenas como acesso a um passado de violência e passa a constituir um exercício de recentralização das experiências negras, permitindo compreender processos históricos, educativos e artísticos a partir de referenciais africanos e afro-brasileiros. Assim, revisitar essa narrativa implicou também revisitar nossas próprias práticas pedagógicas, interrogando quais histórias, imagens e sensibilidades eram produzidas anteriormente e quais passam a emergir quando adotamos uma perspectiva afrocêntrica.

Para ilustrar esses entrelaçamentos, cada integrante contribuiu com a sua vivência pessoal e sugestões para compor um repertório e uma mediação cultural durante a apresentação do trabalho, pensando num leque de artistas que acreditam e defendem essa temática de pertencimento e inclusão social. Juliana apresentou a artista regional Gabriela Reis, conhecida pela performance *Quero ser branca*, uma obra que estabelece um diálogo potente com o título do livro e provoca reflexões sobre identidade, pertencimento e exclusão. A escolha dessa referência também nasce de sua experiência como arte-educadora e do contato constante com artistas e produções que abordam questões sociais e étnico-raciais. Ao longo de sua trajetória, essas vivências têm ampliado sua compreensão sobre a arte como um espaço de encontro, escuta e reflexão, capaz de mobilizar discussões importantes. Dessa forma, a obra de Gabriela Reis contribuiu para enriquecer o debate, aproximando as temáticas estudadas das experiências vividas e reforçando a importância da valorização da diversidade no contexto educacional. Outro artista lembrado por Liege para a prática foi Flávio Cerqueira, em sua obra *Amnésia*. Na qual observamos uma criança negra representada em bronze, segurando acima da cabeça um balde contendo tinta branca que escorre sobre sua cabeça e costas, apresentada pelo artista e pela curadoria do MASP como uma reflexão sobre o embranquecimento da população negra e o apagamento de memórias históricas. Mas que, como lembrado por Gabriela, pode evocar através da imagem da tinta branca escorrendo sobre o corpo a memória dos chamados "escravizados tigrés". Para estes as marcas esbranquiçadas produzidas pelos dejetos carregados

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

por esses trabalhadores escravizados tornam-se um símbolo violento de como o corpo negro foi historicamente atravessado por processos de desumanização e inscrição forçada de hierarquias raciais. Estes presentes na leitura, através do personagem Firmino, descrito no trecho do livro físico da seguinte forma por Kehinde:

O Firmino, um semiliberto que ainda pagava a carta a prestação, era a alegria em pessoa, e com certeza o mais simples da casa. Era um cômico, em tudo via e fazia graça, (...) Durante o dia trabalhava nos armazéns da Alfândega, e à noite exercia a triste função de esvaziar os tigres (...) (GONÇALVES, 2006, p. 451)

O trecho reforça as violências sofridas pelos escravizados, mas assim como abordado em vários outros trechos por Kehinde, mostra um outro lado da história. No qual ainda é possível encontrar momentos de alegria em meio a dor, momentos de alívio num cenário devastador e a construção de uma resiliência que vai guiar Kehinde em toda sua travessia pela vida. Mostrando a beleza e a potência da vivência negra, que deve ser exaltada com orgulho e como exemplo e motivo de identificação pelos estudantes afro-brasileiros, ainda que não conscientes de sua identidade. Nesse sentido, a tinta que escorre em *Amnésia* pode ser lida não como cobertura efetiva do corpo, mas como metáfora das tentativas históricas de apagamento que nunca conseguem apagar completamente a memória ancestral.

Seguindo, Liege destacou uma narrativa carregada de afeto que revelou o vínculo entre um avô e sua neta, estabelecido por meio do nome da rua, Benedito Luís Rodrigues que integra o percurso entre sua residência e a escola.

“Meu avô, conhecido como Seu Benedito, trabalhou como enfermeiro e parteiro. No bairro, todo mundo sabia quem ele era por causa da habilidade no ofício. Durante a carreira, ele também foi diretor do cemitério da cidade, em São Bernardo do Campo; morreu relativamente jovem, aos 55 anos. Eu, no entanto, não cheguei a conviver com ele. Mesmo assim, mantenho um elo diário: todos os dias caminho pela rua que leva seu nome — Benedito Luis Rodrigues, no bairro Nova Petrópolis — no percurso de casa até a escola. Entre a vida e a morte, nossos caminhos acabam se cruzando”.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação



Figura 3- Meu Avô, 2026.

Fonte: Liege Maira Rodriguez Redígolo

Abordando sua relação com os orixás mencionados no livro, decorrente da história do terreiro de Umbanda conhecido como “Casa de Caridade Pai Benedito de Angola” fundado por seus pais há mais de quarenta anos, embora, na época, seu pai fosse espanhol, ateu e leigo nas doutrinas das religiões africanas.

“Quando eu tinha 10 anos, meus pais fundaram um terreiro de umbanda; o curioso é que, naquela época, meu pai, homem branco, catalão, era ateu e não conhecia nada sobre religiões de matriz africana. Desde criança, aprendi a respeitar os orixás e a participar das festas em homenagem a eles. Por exemplo: as comemorações de Cosme e Damião, as dos Ibejis, ou escrever pedidos e agradecimentos a Iemanjá, essa homenagem, realizada em dezembro, marca o fechamento dos trabalhos religiosos. A organização da cerimônia de encerramento na praia, com a entrega dos pedidos em barquinhos, deixou uma marca forte na minha juventude”.



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026



Figura 4- Preto Velho e Iemanjá, 2026.

Fonte: Liege Maira Rodriguez Redígolo

E quanto às “Travessias na Escola”? As participantes relataram suas práticas antes de ingressarem nesse universo organizado por Kehinde, que viria a se tornar Sinhá Luiza ao longo de sua travessia. Artistas como Angélica Dass, Tiago Gualberto e Adriana Varejão foram mencionados nessa curadoria de caráter afrocentrado. Os Projetos de Trabalho (Hernandéz, 2000) e a Proposta Triangular (Barbosa, 1980) sustentam essas oficinas: análise de obras de arte, confecção de máscaras artesanais, bordado, elaboração de painéis coletivos, técnicas de Isogravura e criação de bonecas afro-brasileiras estiveram presentes nessa trajetória educativa e transformadora na educação básica, pautada pelo atravessamento e pela postura do arte/educador. Incentivar os exercícios de leitura de imagem com base na abordagem triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa fortalece a pesquisa do arte/educador, cujo objetivo é propor ações artísticas que integrem leitura de imagem, contextualização e o próprio fazer artístico. Pensando na didática afrocentrada, utilizamos como referência a pesquisadora Bárbara Carine, que a partir da perspectiva da educação antirracista e afrocentrada, pensa na educação como um espaço de resistência e transformação social.

Para colocar essa prática pedagógica em movimento, usamos as etapas dos Projetos de Trabalho, que não seguem uma sequência fixa e se organizam a partir dos interesses dos

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

estudantes e caminhos que vão se criando durante nossas travessias artísticas. Conhece-se que tal processo pedagógico decorre dos interesses dos estudantes, promovendo a criatividade e a colaboração em equipe. Nesse âmbito, Hernández (2000) enfatiza a importância de elaborar um roteiro para envolver o projeto, o qual deve abranger os seguintes elementos: tema do projeto, ideias chave, itens de aprendizagem, estratégias, pontos de partida, recursos e materiais, articulação com outras disciplinas e saberes, atividades individuais e coletivas, apresentação final, portfólio/produto e avaliação.

Pensando em uma proposição artística que dialogasse com essa temática, utilizamos como referência os processos criativos da artista contemporânea Aline Motta, apresentados por Letícia em interlocução com o conceito de "travessia". Em sua produção, a artista investiga questões relacionadas à memória, ancestralidade, identidade e deslocamentos, articulando narrativas pessoais e coletivas que evidenciam os impactos históricos da diáspora africana e das heranças culturais afro-brasileiras.

Por meio de diferentes linguagens, como fotografia, vídeo, instalação e pesquisa documental, Aline Motta constrói percursos poéticos que conectam passado e presente, convidando o público a refletir sobre pertencimento, apagamentos históricos e processos de reconstrução de memórias. Nesse sentido, sua obra inspira práticas pedagógicas comprometidas com a Educação Antirracista, ao promover o reconhecimento de múltiplas histórias e valorizar perspectivas historicamente marginalizadas, favorecendo a construção de experiências estéticas pautadas na escuta, na investigação e na valorização das ancestralidades.

Em um dos encontros, as integrantes foram fotografadas com uma máquina Polaroid e as imagens foram utilizadas para compor o vídeo de fechamento da apresentação. Para compor a prática "Travessias Pessoais" dos estudantes matriculados na disciplina, abrimos um mural expositivo no Padlet para que cada participante fizesse uma homenagem aos nossos antepassados e às pessoas que virão além de nós.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

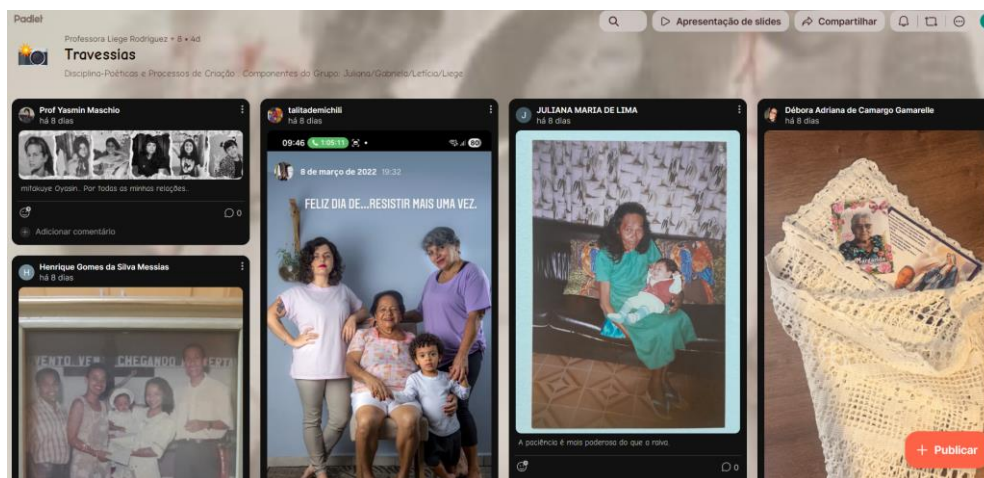


Figura 5- Padlet - Travessias ,2026.

Fonte: Yasmin; Talita; Juliana; Debóra; Henrique.

Conclusão

Ao longo da construção e realização do seminário, foi possível compreender que a leitura de *Um defeito de cor* ultrapassou a experiência literária e constituiu-se como um dispositivo de criação, deslocamento e formação. As travessias realizadas pelas integrantes — entre memórias pessoais, práticas docentes, produções artísticas e referenciais teóricos — permitiram reconhecer que os processos educativos também são atravessados por histórias, afetos e escolhas políticas que definem quais narrativas ocupam lugar na escola e na formação em artes.

A partir da perspectiva afrocentrada e das mediações construídas coletivamente, o percurso evidenciou a potência da arte como espaço de elaboração crítica, escuta e ressignificação das experiências. O diálogo entre o romance, as obras selecionadas e as proposições práticas ampliou o repertório cultural das participantes e possibilitou refletir sobre a presença — ou ausência — de narrativas negras nos contextos educativos, reforçando a necessidade de práticas comprometidas com uma educação antirracista e transformação social.

Mais do que apresentar um seminário, o processo constituiu uma experiência de encontro: com nossas ancestralidades, com memórias herdadas e com possibilidades futuras de atuação docente. Nesse sentido, entendemos que as travessias iniciadas por Kehinde continuam reverberando em nossas práticas e pesquisas, convocando-nos a criar espaços educativos que reconheçam a pluralidade das histórias, fortaleçam pertencimentos e produzam novos modos de ensinar, aprender e imaginar coletivamente.



opae.com.br/





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Referências bibliográficas

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: a teoria de mudança social. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2003.

BARBOSA, Ana Mae (organizadora). Ensino da arte: memória e história. São Paulo, SP: Perspectiva, 2014, p.335-339.

BRASIL. Lei no.10639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 de jan. 2003. Disponível em < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 6 jun. 2026.

COMPANHIA OBS. teaser | QUERO SER BRANCA. YouTube, 30 mai 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xSWOH1s07KU>. Acesso em: 9 jun. 2026.

DASS, Angélica. Disponível em: <<https://angelicadass.com/pt/about/>>. Acesso em: 5 jun. 2026.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. Revista Brasileira de Educação, v. 23, p. 75-85, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200006>.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v. 9, p. 38-47, 2002. DOI: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.9..38-47>.

GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor: edição especial. Rio de Janeiro: Record, 2022. Ebook Kindle.

GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GUALBERTO, Tiago. Tiago Gualberto: artista visual, pesquisador e educador. Disponível em: <<https://tiagogualberto.wordpress.com>>. Acesso em: 5 jun. 2026.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho. São Paulo: Artmed, 2000. p.193.

HERNÁNDEZ, Fernando/ Montserrat Ventura. A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho. O Conhecimento é um Caleidoscópio. São Paulo: Penso, 1998. p.187-188.

MOTTA, Aline. Aline Motta. SescTV, 2022. Disponível em: MOTTA, MOTTA, Aline. Bio / CV. Disponível em: <https://www.alinemotta.com/bio-cv> , 5 jun. 2026. Acesso em: 5 jun. 2026. m>. Acesso em: 5 jun. 2026.

MOTTA, Aline. Bio / CV. Disponível em: <https://www.alinemotta.com/bio-cv> , 5 jun. 2026.



opae.com.br/





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

MOTTA, Aline. Performance: A água é uma máquina do tempo. Museu Paranaense, Curitiba, out. 2023. Vídeo. Disponível em: YouTube. Acesso em: 5 jun. 2026

MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília, DF: MEC; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NEGRO, Mauricio. "Gente de cor, cor de gente". Editora FTD, 2017.

PINHEIRO, Bárbara Carine. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Editora Planeta, 2023.

VAREJÃO, Adriana. Biografia. Disponível em: <<http://www.adrianavarejao.net/br/biografia>>. Acesso em: 5 jun. 2026.



Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:

